



Biologia In Situ Podcast

BIOLOGIA IN SITU 004 - TANGERINA E MEXERICA: ONDE O LATIM ENTRA NESSA BAGAÇA?

[carro buzina] sirene toca] [som sintético cortante]	
Cafeína	Você está ouvindo Biologia In Situ podcast! Porque todas as estradas levam à Biologia!
Gabriel	<i>Oryza sativa, Phaseolus vulgaris, Canis lupus familiaris, Felis catus</i>
Renata	O que você tá fazendo, Gabriel?
Gabriel	Ué, não são palavras sagradas? Não é da igreja? Tá tudo em latim!
Renata	Hoje você tá cheia de bobice pra cima da bio-ouvinte, né? Não tem nada de sagrado nisso não. Esses são os nomes do arroz, do feijão, do cachorro e do gato.
Gabriel	É verdade bio-ouvinte, mas que atire a primeira pedra quem não pensa na igreja quando se fala no latim já que foi a língua oficial da igreja por muitos séculos. Mas além disso, o latim contribuiu com a formação de outras línguas, como a língua portuguesa, e é a responsável pelo que chamamos de nomes científicos das espécies. Mas para que você entenda direitinho essa bagunça toda, vamos voltar no tempo. Já tá virando costume, né? Nós gostamos de viajar em busca das histórias perdidas. Esse é o nosso quarto episódio da série Biologia in Situ! Eu me chamo Gabriel
Renata	E eu me chamo Renata. Mas antes temos alguns recadinhos pra vocês!





Biologia In Situ Podcast

[som de fundo] [som de chuva] [som de buzina] [som de carros]	
Ricardo	Olá, bio-ouvintes! Eu aqui de novo, Ricardo Gomes, mas dessa vez só para passar alguns recadinhos para vocês. Primeiro, é que você pode nos apoiar através do picpay.me/biologiainsitu , com qualquer quantia que você quiser. Também assinando uma das nossas faixas de apoio no padrim.com.br/biologiainsitu e também você pode nos apoiar comprando algum de nossos produtos, a camiseta do Biologia in Situ podcast ou a linda caneca do Biologia in Situ podcast, através do link no nosso site, na nossa lojinha, então entra lá em biologiainsitu.com.br , na aba lojinha, bio lojinha in situ, clica lá no link que você vai ser direcionado pra nossa lojinha, onde você pode ajudar comprando os nossos produtos. Além disso, bio-ouvinte, a gente pede encarecidamente que vocês mandem as cartinhas de vocês pro nosso e-mail: cartinhas@biologiainsitu.com.br . Lembrando que nos vamos ter um episódio mais pra frente dedicado só a leitura de cartinha de vocês. Então, se você quer participar do Biologia In Situ com a sua voz, pode mandar um recado de voz, ou com as suas palavras que a gente lê no episódio também. Fala com a gente! Vamos para o episódio! Tchau, tchau.
[som de fundo] [som de chuva] [som de buzina] [som de carros]	
Renata	Talvez você já tenha ouvido a expressão em latim “Carpe Diem!” e sabe que ela significa “aproveite o dia!”. Então, vou te dar uns segundos para me dizer o que significa a expressão “Carpe vita!”... E aí? Alguma ideia? Bem, se você pensou rapidamente em “aproveite a vida!” estava certo. E não é à toa que essa tradução lhe veio à mente. Assim como “diem” soa bem parecido com dia, “vitta” também soa bem parecido com a palavra vida. Isso porque o latim teve grande influência na formação da língua portuguesa.





Biologia In Situ Podcast

Gabriel	O latim teve grande influência na formação da língua portuguesa...
Renata	Acho que todo mundo que aprende português já ouviu isso, pelo menos uma vez na vida. Mas você já se perguntou que influência é essa? Que história é essa? Bem, senta que lá vem história.
[som de batida na porta] [som de porta abrindo]	
Vinheta	Senta que lá vem a história [som de trombetas]
Renata	Por volta do século IX ou VIII a.C, o latim foi levado pelos migrantes latinos para o Lácio, região central da Península Itálica. No século VII a.C, Lácio se tornou o que hoje conhecemos como Roma e o latim se tornou a língua oficial da República Romana. Ainda sim, somente quatro séculos depois que o idioma adquiriu corpo, com estrutura gramatical e formas literárias consistentes e reconhecidas. Alguns exemplos dessas estruturas são “sermo urbanus” ou “usualis”, latim correto falado informalmente entre a elite; “sermo plebeius”, latim falado entre os pobres, analfabetos e militares; e o “sermo ecclesiasticus”, latim escrito utilizado pela Igreja Católica nos livros de rituais litúrgicos e escritos filosóficos-teológicos. Essas modalidades são importantes para a nossa história, mas vamos com calma para que você não se perca e aproveite cada parte. Nesse mesmo século, III a.C, os registros mais antigos datam a ida das tropas do exército romano para a Península Ibérica, uma região situada no sudoeste europeu, povoada por muitas nações diferentes, sendo a maior parte dividida entre Portugal e Espanha. Ao longo da história, foi um dos muitos palcos que sediaram batalhas, começando pela Romana. Após dois séculos de investidas em terras portuguêsas, a situação se estabiliza com o Império Romano vencedor. Além de confronto e invasão da Lusitânia, os romanos trouxeram consigo o latim. Como bem sabemos, mas é sempre bom lembrarmos, os processos de conquista ao longo da história levavam ao apagamento da





Biologia In Situ Podcast

identidade local e estabelecimento da cultura dos conquistadores. Bem, isso não foi diferente para os romanos, começando pelo confronto entre o exército e os nativos. Depois, as regiões se tornaram densamente povoadas por colonos e políticas de casamento misto foram criadas, o que significa que, naturalmente, o latim trazido pelos romanos foi se difundindo conforme as famílias eram formadas entre romanos e os povos nativos da região. Enquanto o latim se popularizou entre os povos mistos que habitavam a região, as línguas nativas naturalmente também desapareceram.

Lembra das modalidades faladas e escritas do latim? Então, o “sermo plebeius”, destinado a membros das classes pobres, analfabetas e militares, era mais simples e falado pela maioria. Por isso foi difundido com maior facilidade pelos militares e comerciantes das regiões conquistadas pelo Império Romano. Também influenciou o desenvolvimento de outros idiomas neolatinos, como o galego, o catalão, o francês e o português. Já sobre o “sermo ecclesiasticus”, precisamos de um pouco mais de tempo para explicar. Até 325 d.C, cristãos eram perseguidos e igrejas eram queimadas, mas mesmo assim o número de devotos não diminuiu, muito pelo contrário. Assim, o Imperador Romano Constantino I organizou a primeira assembleia com membros da igreja, por um motivo muito simples: era interessante para ambas as partes unirem forças. Então, em 380 d.C, o Imperador Teodósio I declarou o cristianismo como religião de Estado. Com o Império Romano se convertendo ao cristianismo, o latim tornou-se a língua oficial da Igreja Católica Romana e, como bem sabemos, a igreja era responsável pelo conhecimento, tornando o latim também a língua oficial dos filósofos e acadêmicos. Quando a nossa parece ter começado a entrar nos eixos, chegam os bárbaros e os mulçumanos!

[som de suspense]

Gabriel

Após o estabelecimento dos romanos, ocorreram as invasões bárbaras na Península Ibérica. E como estamos falando de língua, vale um parêntese sobre o significado da palavra “bárbaro”. Você sabe o significado? O Biologia in Situ te explica. A palavra surgiu entre os gregos e romanos para se referir a todos os povos que não falavam seus idiomas, como também não compartilhavam da mesma organização social e cultura. Ou





Biologia In Situ Podcast

seja, uma estrangeira! Mas eu tenho minhas dúvidas que você tenha pensado nesse significado bio-ouvinte. Ao longo do tempo, a palavra ganhou um significativo pejorativo, e a antes “estrangeira”, agora é uma “selvagem”. Bem, fica a reflexão e a dica de sempre procurar a origem das palavras. Cada palavra conta sua própria história...Bom, voltando para as invasões bárbaras. Os bárbaros possuíam seus próprios costumes e, claro, suas próprias línguas. Dos principais povos germânicos, os visigodos, suevos, alanos e vândalos migraram para a Península Ibérica e suas línguas geraram transformações no latim falado. Os visigodos se tornaram o povo germânico que dominava a região. Em seguida, os povos mulçumanos migraram para a Península Ibérica através do Estreito de Gibraltar. Mais invasões, mais sangue e cabeças rolando. Os árabes acabaram com o reinado visigodo e adivinhem? Impuseram seu poder militar e difundiram sua cultura e língua árabe! Vocês sabiam que uma quantidade considerável de palavras portuguesas tem origem árabe? Vamos ficar com três exemplos para instigá-la a procurar por mais! Açafraão que vem do “Az-zafaran” que é igual a amarelo, o açúcar que é o “as-sukkar” que é igual a areia branca e garrafa que vem de “karafa”, frasco bojudo. Os árabes dominaram o território por sete séculos até as cruzadas, quando os cristãos tinham o objetivo de expulsar os mulçumanos. Lembrando que os cristãos são o Império Romano. A Reconquista partia do norte em direção ao sul, recuperando os territórios que se tornaram, mais tarde, o Condado Portucalense. A Reconquista foi o marco da criação e propagação de três línguas peninsulares, o galego-português, o castelhano e o catalão.

Renata

E finalmente chegamos ao português! Que nada mais é do que uma sopa de latim vulgar levado pelos romanos para a Lusitânia, o galego, o árabe e uma pitada de germânico...

Gabriel

Bem... mais ou menos, né? O idioma continuou sofrendo influências. Falando do português brasileiro, línguas africanas e línguas indígenas fazem parte dessa “sopa linguística”. Quando os europeus chegaram, existiam mais de 1000 línguas distribuídas entre os povos nativos. Com o genocídio indígena e o apagamento de suas culturas, apenas 180 línguas





Biologia In Situ Podcast

	são faladas até os dias de hoje. Sim, 180 línguas! Eu te convido a pensar em pelo menos 30 línguas diferentes no mundo inteiro. Conseguiu? Pois é, o Brasil tem 6 vezes mais diversidade linguística [som engraçado]. Mas voltando, o português trazido pelos europeus disputou lugar com o tupi, língua indígena mais falada no Brasil até o século XVIII, e o latim, trazido pelos jesuítas. Dois eventos tornaram o português a língua mais falado no país. O primeiro foi em 1757, foi proibido a utilização do tupi e o segundo veio dois anos depois, com a polêmica expulsão dos jesuítas.
Renata	Mas provavelmente você já ouviu alguém dizer que o Brasil é um continente e cada um de seus estados é um um país diferente, com uma cultura diferente, não é mesmo? Isso mostra a nossa diversidade e riqueza cultural, e que riqueza hein! E basta falar de cultura que a linguagem aparece. Então, apesar de todo esse processo na formação da língua portuguesa, ela ainda difere muito em vários aspectos. Varia de país para país, de cultura para cultura, de região para região, ao longo do tempo e até mesmo entre gerações. Ou vai dizer que você lê Machado de Assis e se enxerga falando daquele jeitinho? No dia-a-dia, talvez isso não nos cause tanto estranhamento e confusão. Mas olha... Quando estamos falando de nomenclatura de espécies isso pode gerar muita confusão, mas muita confusão! O aipim é um ótimo exemplo...
Raissa	Aipim??? Você não quis dizer mandioca?
Cristianne	Ai, gente! (risos) Eu já expliquei para vocês que o certo é macaxeira!!!
Renata	Pera lá, pera lá.. Tudo bem que um dos maiores problemas relacionados à nomenclatura popular são os erros de identificação das espécies que podem acontecer no meio dessas variações, mas não dá para dizer que um está certo e o outro errado. Uma das coisas que aprendi quando me mudei para São Paulo é que não adianta chegar na feira pedindo tangerina...
Raissa	Ô Rê... Eu já te expliquei que é mexerica!





Biologia In Situ Podcast

Renata

Tudo bem, tudo bem... O fato é que isso faz com que uma planta possa existir em um estado brasileiro e simplesmente não ser reconhecida pelo mesmo nome em outro, e até mesmo em diferentes regiões de um mesmo estado! O tal do aipim que falamos, por exemplo, tem cerca de dezessete nomes diferentes em todo o Brasil. Lembra do tupi? Dos dezessete, os três nomes do aipim citados acima são influenciados pela língua. Aipim vem do termo "ai'pi", enquanto mandioca mansa; mandioca vem do termo "mãdi'og" e macaxeira vem do termo "maka'xera".

Talvez não esteja muito claro o porquê disso ser um problema... Mas nós vamos te dar um exemplo. Será que você já sentiu um mal-estar e ouviu alguém mais velho dizendo para tomar um chazinho de boldo que melhora? Talvez você, bio-ouvinte, já seja até a pessoa passando isso para a geração seguinte... Talvez você não saiba, mas a espécie de boldo verdadeira é a *Peumus boldus molina*, originada no Chile, e que no Brasil pode ser facilmente confundida com o *Plectranthus barbatus* ou boldo-de-jardim, com o boldo baiano e também com o boldo africano, entre outras espécies... A questão é que essas plantas são espécies completamente diferentes e possuem propriedades químicas distintas, podendo oferecer riscos para saúde sendo tóxicas para a pessoa humana e para animais domésticos. Mas fique calma, bio-ouvinte... Saiba que o uso de plantas alimentícias e medicinais pela população brasileira é uma prática tradicional, passada de geração em geração, e não há problema algum no seu chazinho de boldo. Só garanta ter colhido a planta correta, ok?! Inclusive, essa tradição pode contribuir, e muito, com a pesquisa científica. Muitas substâncias importantes já foram descobertas graças à investigação do conhecimento popular pelos cientistas. Um exemplo é o jaborandi (do tupi-guarani yaborã-di, planta que faz babar), planta utilizada pelos povos originários para ativar a salivação. Um tema muito em alta atualmente são as plantas alimentícias não-convencionais, também conhecidas como PANCS e, para além disso, mesmo morando em grandes centros urbanos, as pessoas têm buscado produzir sua própria horta em casa. Isso tudo só reforça a necessidade de sabermos ao certo qual planta estamos manuseando e quais são as características de cada uma delas. Não basta saber o nome popular dela! É preciso muito cuidado na hora de utilizar plantas alimentícias e medicinais, buscando a identificação de um profissional sempre que houver a menor dúvida. Pois embora muitas plantas possam ser semelhantes em formato, cor e cheiro, elas ainda assim podem possuir propriedades químicas diferentes podendo ocasionar uma intoxicação ou mesmo resultar em morte por envenenamento. E aí, mais uma vez a galera do Biologia In Situ colocando medo no bio-ouvinte?





Biologia In Situ Podcast

	Não, nada disso! Mas vamos combinar que assim fica muito mais fácil entender porque é tão importante que haja uma forma de unificar esses nomes. Bem, se você ainda não está convencido, pode passar o cafézinho que vamos falar um pouco mais sobre isso... Mas antes queremos te apresentar um carinho muito importante.
Gabriel	Você sabia que tentativas de classificar os seres vivos são, provavelmente, muito mais antigas do que a maioria das pessoas imaginam? Aristóteles, filósofo e naturalista que viveu entre 384 e 322 a.C, na Grécia, parece ter sido o primeiro a classificar grupos de animais e plantas. Textos de sua autoria, reunidos em obras como <i>De Anima</i> (ou a alma) e <i>Historia Animalum</i> (ou a história dos animais) influenciaram diretamente o entendimento da humanidade sobre sua própria história por muitos e muitos anos. Aristóteles classificou os animais de acordo com características como quadrupedismo, presença ou ausência de circulação sanguínea, tipo de alimentação entre outros, enquanto Teofrasto, um de seus aprendizes, classificou mais de 500 plantas de acordo com seu hábito, ou seja, erva, arbusto ou árvore. Apesar do aristotelismo ser um dos pensamentos mais influentes da história da humanidade, seu método de classificação não foi definitivo. Ao longo da história, diversos métodos surgiram, cada um com uma proposta diferente. Um dos exemplos mais interessantes para nossa história aconteceu em 1740, quando Mark Catesby publicou um livro de Zoologia em que denominava o Tordo - que é o nome popular de um sabiá norte-americano, com o nome de <i>Turdus minor cinéreo-albus non maculatus</i>, cujo significado era "tordo pequeno branco-acinzentado sem manchas". Essa nomenclatura foi uma tentativa de padronizar o nome do pássaro para que pudesse ser conhecido em qualquer idioma ou região, mas vamos combinar que era um nome graaaande demais.
Renata	Mas, bio-ouvinte, o grande responsável pelo primeiro método de classificação dos seres vivos que conseguiu unificar toda a comunidade naturalista da época foi o consagradíssimo Carlos Lineu! Enquanto uma pessoa de fora da comunidade científica possa confundir o nome com o do nosso querido Lineuzinho da Grande Família, este, na verdade, é um nome inconfundível para todas as pessoas biólogas. Talvez você até se lembre





Biologia In Situ Podcast

	dele lá das aulas de biologia... Mas talvez não! Então permita-nos apresentá-lo...
Gabriel	[música] Lineuzinho... Carlos Lineu, cujo nome é uma tradução do original Carl Linnæus, e que posteriormente adotou o nome de Carl von Linné após receber nada mais, nada menos que um título de nobreza, foi um naturalista sueco que viveu de 1707 a 1778, tendo nascido em uma família muito religiosa. Foi introduzido à botânica ainda na infância por seu pai que tinha um grande jardim em sua casa. Ao que parece, o jovem Lineuzinho não foi um estudante muito diferenciado. Ele demonstrava um interesse especial por plantas e até gostava de estudar latim, mas negligenciava a maioria das outras disciplinas. Embora sua família esperasse que ele se dedicasse à igreja, o jovem Lineu resolveu ir contra todas as expectativas e foi estudar Medicina na Universidade, ainda que sua grande vontade fosse estudar botânica, carreira que não parecia muito promissora na época... E ainda não é minha filha [riso] É claro que nos anos que se seguiram a sua paixão pelas plantas permaneceu viva, embora adormecida.
Renata	E foi assim que em 1730 ele veio a publicar seu primeiro ensaio, onde desenhava a sua proposta para uma nova classificação das espécies, baseada especialmente em sua própria teoria a respeito da reprodução em plantas e inspirada nos métodos de dois botânicos: Joseph Pitton e John Ray. Neste artigo, poeticamente intitulado "Introdução ao Noivado das Plantas", Lineu defendia que os estames e os pistilos das plantas eram órgãos sexuais, que ele apelidou como "esposos" e "esposas"; definindo, dessa forma, os estames como os órgãos masculinos e os pistilos como os órgãos femininos. Curiosamente, as pétalas foram apelidadas como "camas nupciais". Romântico, né? Um trabalho tão bem elaborado e curioso naturalmente chamou atenção dos seus professores, e rendeu a Lineu a posição de curador do jardim botânico da Universidade, trabalho que lhe ajudou a se manter e continuar a formação. Nos anos seguintes, Lineu recebeu da própria Universidade suporte para realizar grandes expedições que resultaram na descrição de uma enorme variedade de plantas e animais, publicadas na obra clássica <i>Flora Lapponica</i>, de 1732.





Biologia In Situ Podcast

	E o que acha de lançarmos um bio-biografias para falar mais sobre isso? Não esqueça de nos dar o feedback sobre a ideia! Mas continuando...
Gabriel	O ponto é que em 1735 Lineu publicou a Magnum Opus, Systema Naturae, a primeira de uma série de obras nas quais ele apresentou sua nova classificação taxonômica da natureza. O Systema Naturae só foi considerada completa na sua décima edição, em 1758. E, olha, o método que usamos hoje é um pouco diferente do que foi inicialmente proposto por ele, mas ainda muito inspirado no de Lineu. Por exemplo, nós continuaremos utilizando o mesmo formato que ele definiu para dar nomes científicos às espécies, como <i>Homo sapiens</i>. Mas voltemos à história...Como mencionamos anteriormente, até então, a comunidade naturalista estava longe de ter um sistema único de classificação dos seres vivos, mas Lineu tinha um interesse particular por esse assunto, pois ele acreditava estar realizando uma missão ao organizar e estruturar o trabalho realizado por Deus. Olha a resposta, hein?! Segundo ele, sua obra deveria ser um sistema capaz de honrar a criação divina e deveria refletir o caráter imutável dessa criação, e não simplesmente as percepções superficiais humanas, numa crítica à classificação baseada em propriedades medicinais. Para isso, Lineu definiu que a classificação dos seres vivos deveria ser baseada em poucas características específicas, como a quantidade de estames e pistilos nas plantas com flores. Desse modo, seria possível, a qualquer pessoa, identificar e reconhecer os organismos. Apesar de não ter sido uma invenção sua, o mais importante de frisar, é que no núcleo de seu trabalho estava a nomenclatura binomial, apesar de não ter sido uma invenção sua. Na nomenclatura, se considera o gênero e a espécie com nomes baseados no latim, uma língua "morta" e por isso não sofre variações, modificações, facilitando o reconhecimento das espécies no mundo todo. O latim ser uma língua morta é uma meia verdade, mais pra verdade do que pra mentira vai. Documentos oficiais do Vaticano, diplomas de conclusão de curso das Universidades Pontifícias de Roma e algumas expressões na arte, como música e literatura, ainda utilizam o latim. O grande ponto é que mesmo sendo a língua oficial da cidade do Vaticano, o latim não tem mais falantes nativos. E aí? Isso te faz lembrar todos os nomes científicos que dissemos até aqui???





Biologia In Situ Podcast

Renata	Pois bem! Já entendemos porque a nomenclatura binominal é muito importante para esclarecer a confusão dos nomes populares, mas não é só isso. Se há tanta confusão nos nomes dado ao aipim aqui no Brasil, imagina quando estendemos isso para o mundo inteiro! E é por isso que um sistema muito eficiente foi desenvolvido e hoje o conhecemos como 'nomenclatura binominal ou científica'. O próprio termo vem da junção das palavras em latim 'nomen' que significa 'nome' e 'calare' que quer dizer 'chamar'. Assim, chegamos à tradução livre da palavra nomenclatura como 'chamar pelo nome'. Faz sentido, né?! Por esse sistema, as pessoas cientistas conseguem atribuir regras que facilitam na hora de nomear os organismos e, assim, não importa em qual lugar do mundo estamos, nós podemos saber de qual organismo estamos falando se nos referirmos a ele pelo seu nome científico. Em 2015, três pesquisadores brasileiros, Ricardo Pinto-da-Rocha, Rafael Fonseca-Ferreira e Maria Bichette, chamaram a atenção de todo o mundo ao apresentar uma nova espécie de opilião encontrada por eles, a qual eles chamaram de <i>landu-moema smeagol</i>. Reconhece de algum lugar?
[som do smeagol]	
Renata	O sistema de nomenclatura utilizado atualmente é muito preciso, mas faz necessário que alguns requisitos sejam cumpridos na hora de nomear as espécies. Então se você tem vontade de um dia descobrir uma nova espécie e homenagear sua banda ou filme favorito, saiba que isso é possível! desde que cumpra essas regrinhas: a primeira fala sobre a unicidade, ou seja, cada nome de um organismo deve ser único, permitindo identificar de imediato o táxon em que está inserido; a segunda diz respeito à universalidade e nada mais diz que sobre a necessidade dos nomes serem compreendidos e aceito internacionalmente... mas sobre isso a gente já tinha falado, lembra?! Por fim, o último requisito diz sobre a estabilidade do nome, pedindo que qualquer alteração que venha a ser feita seja muito bem justificada, analisada e, claro, aprovada pelas entidades competentes. Mas aí fica uma dúvida... Quais são as entidades competentes para aprovar algo desse nível? Bem, o Congresso Internacional de Botânica é responsável por estabelecer os códigos que reúnem as normas e recomendações responsáveis por controlar, digamos assim, a





Biologia In Situ Podcast

	nomenclatura científica de plantas e outros grupos comumente estudados por botânicos, como fungos, algas e cianobactérias. É, bio-ouvinte, não é tão simples como pode ter pensado! Já no caso da Zoologia, existe uma comissão que assegura que, independentemente do local onde se encontre, o animal terá um único nome que será válido.
Gabriel	Por fim, mas não menos importante, você já ouviu falar sobre taxonomia e filogenia? Essa pergunta não vale para as biouvintes que são ou fazem biologia hein. Pra vocês, a pergunta é outra. Vocês realmente sabem o que significa? Nós sabemos que esses termos geram muita confusão até mesmo entre nós, mas para explicar de maneira muito simplista, a taxonomia é a ciência que descreve, nomeia e classifica os organismos, enquanto a filogenia é a ciência que estuda as relações evolutivas entre os grupos de organismos. Tá, não foi tão simplista assim. Então, vamos de exemplos! A jaca é do gênero <i>Artocarpus</i> enquanto a amora é do gênero <i>Morus</i>. Apesar de serem de gêneros diferentes, ambas são da família Moraceae, por terem características em comum, como o látex. Quem define essa classificação é a taxonomia. As plantas da família Moraceae são “primas” mais próximas das plantas da família Fabaceae, família das leguminosas, do que das Rutaceae, família das laranjas. Quem define essas relações é a filogenia. Com o aumento das pesquisas científicas e dos avanços tecnológicos, a identificação dos organismos ganha novas ferramentas. Antes, as espécies eram diferenciadas pelas formas e características específicas, como o látex das moráceas, mas como diferenciar as bactérias pelas formas? É possível até certo ponto, mas com sequenciadores moleculares, a coisa muda de figura. Ou seja, organismos que acabavam reunidos em um único grupo poderiam ter diferenças que passavam despercebidas pela falta de pesquisa e tecnologia. Mais do que isso, o mesmo organismo pode receber dois nomes científicos diferentes, o que chamamos de sinonímia. Tudo bem que aqui também entra aquela coisa do mérito, o princípio da prioridade tudo mais... Mas deixemos as fofocas científicas de lado! Pelo menos por agora. Como dito anteriormente, segundo as regras propostas por Lineu, apenas o primeiro nome é correto ou válido e qualquer nome em seguida é tratado como sinônimo. Pensando bem... Acho que seria realmente legal a gente ter um bio-biografias sobre isso... O que acha, Rê?





Biologia In Situ Podcast

Renata	Acho uma ótima ideia! Aposto que a gente ainda teria muita coisa pra falar sobre isso! Mas assim finalizamos esse episódio, depois de uma longa viagem pela história e de muito nos enrolar nas traduções.
Gabriel	Olha, meu árabe ficou ótimo, viu? brincadeiras à parte, esperamos que tenham gostado e até próxima! Tchau, tchau.
Renata	Tchau, tchau, galera!
queda d'água] [pássaro canta] [vento] [trilha sonora de fundo]	
Ricardo	O desenvolvimento de pauta foi feito por Gabriel Oliveira, Alice Campos, Gabriel Poccia, Lohany Idargo, Mariana Santos e Vitor Lopes. A edição e áudio foi feita por Raissa Bella. A transcrição foi feita por Cristianne Santos, Camila Cruz, Maycon Trindades e Melissa Cabral.
Cafeína	Você está ouvindo Biologia In Situ podcast! Porque todas as estradas levam à Biologia!

